Serie Monografías y Estudios

José Emilio Yanes García (Coord.)

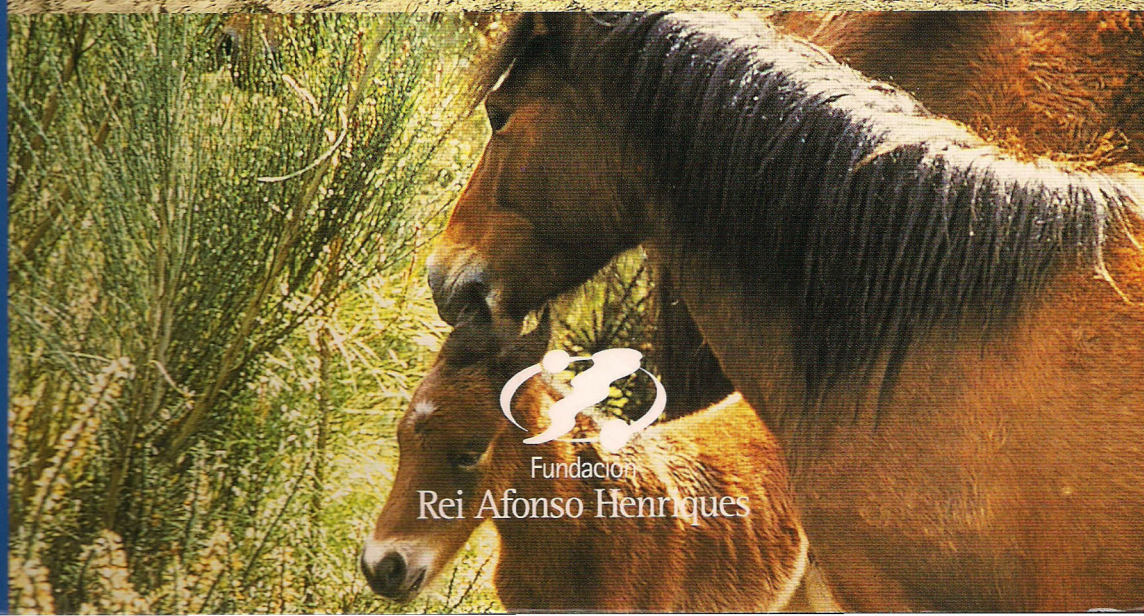
Catálogo de razas autóctonas de Castilla y León (España) - Región Norte de Portugal

I. Especies bovina y equina

Catálogo de raças autóctones de Castela e Leão (Espanha) - Região Norte de Portugal

I. Espécies bovina e equina





Fundación Rei Afonso Henriques

Fundación Rei Afonso Henriques

JOSÉ EMILIO YANES GARCÍA (Coord.)

CATÁLOGO DE RAZAS AUTÓCTONAS DE CASTILLA Y LEÓN (ESPAÑA) – REGIÓN NORTE DE PORTUGAL

I. ESPECIES BOVINA Y EQUINA

CATÁLOGO DE RAÇAS AUTÓCTONES DE CASTELA E LEÃO (ESPANHA) – REGIÃO NORTE DE PORTUGAL

I. ESPÉCIES BOVINA E EQUINA

Índice

Introducción 11
Introdução 17
Colaboraciones / Colaborações 21
Observaciones 23
Observações 29

I. Razas Bovinas / Raças Bovinas
Monchina 37
Alistana-Sanabresa 51
Mirandesa 65
Barrosã 77
Cachena 91
Maronesa 103
Galega / Minhota 117
Arouquesa 131
Sayaguesa 143
Morucha 155
Avileña-Negra Ibérica 167
Serrana Negra 181
Lidia 193

II. Razas Equinas / Raças Equinas
Hispano-Bretona 207
Losina 219
Garrana 229
Zamorana-Leonesa 243

Apéndice / Apêndice
1. *Calendario Autóctono / Calendário Autóctone* 259
2. *Organizaciones Autóctonas / Organizações Autoctones* 273

Bibliografía / Bibliografia 293

Barrosã

Referência emblemática da bovinicultura portuguesa, a raça Barrosã, distingue-se de todas as outras pela lira alta da sua cornamenta, a sua harmonia de formas e pela famosa e inigualável carne que produz. Manjar de Reis no passado século hoje mercê do rigoroso controlo com que é seleccionada e criada, está à disposição de todos, tendo a sua carne DOP.

O planalto do Barroso deu-lhe o nome, mas é no Minho que esta se expande substituindo quase completamente outra raça, a Galega, chegando a atingir e povoar os concelhos da Maia e Porto. Este é o período áureo da raça que coincide com a segunda metade do século passado fazendo-se a exportação destes animais para Inglaterra, sendo sinónimo ainda de boa carne os restaurantes com os reclames «Portuguese beef». Na base do êxito deste negócio estava um novo tipo de comercialização especial em que não havia intermediários, sendo os proprietários dos animais a entregar «os bois do barco» no local de embarque.

Após longa e incessante luta na preservação e melhoramento da raça, temos um voltar às origens com o Agrupamento de Produtores de «Carne Barrosã», prosseguindo os mesmos objectivos e eliminando os intermediários, constatando-se assim de novo um êxito comercial, augurando-se um melhor futuro para esta raça.

Origem e história

Alguns autores referem a existência, no Norte de África (Vale do Nilo), de animais com características morfológicas semelhantes à actual raça Barrosã, em especial no que se refere à forma, tamanho e espessura dos cornos. Estes animais são normalmente associados à designação subespecífica *Bos primigenius opisthonomus* (embora também se refira como *Bos primigenius mauritanicus* e como *Bos tauros desertorum*), e terá chegado à Península Ibérica através de várias rotas migratórias dos povos norte-africanos. A raça poderia, assim ser incluída no tronco mauritânico, tendo como ancestral *Bos primigenius mauritanicus* (García *et al.*, 1981). Aquele tronco foi descoberto por Thomas na região quaternária do Norte de África, sendo o ancestral paleontológico dos tipos côncavos brevilíneos denominado por *Bos primigenius mauritanicus*.

Neste contexto, poderá admitir-se que o gado que corresponde a este grupo se tenha instalado na Península Ibérica, provavelmente durante a longa ocupação Moura. Posteriormente, a raça Barrosã terá sido desalojada pelos troncos ibérico e aquitânico, restando apenas um núcleo populacional confinado às zonas planálticas do Barroso, onde permaneceu até hoje.

A raça apresenta aspectos morfológicos e histórico-evolutivos muito peculiares, sendo ainda hoje difícil proceder ao seu enquadramento no seio das restantes raças bovi-



nas ibéricas. O aprofundamento da investigação sobre a estrutura genética das populações poderá ser, assim, uma via para o esclarecimento das muitas questões que permanecem por responder.

Quanto à conformação dos bovinos Barrosãos, explica MIRANDA DO VALE (1907), o que deu aos bois barrosões tão portentosa e descomunal armadura foi a nosso ver a forma tradicional porque, nas serranias montalegrinas se faz a escolha do marel. Apartam-se os reprodutores, assolando, um contra o outro dois candidatos à função magna da reprodução e aquele que depois de enlaçar as armas com o adversário, consegue recuá-lo, derrubá-lo ou pô-lo em fuga, esse é o touro da freguesia, o padreador das vacas da vezeira, ora esta divertida forma de eleição dá a primazia aos touros de maior ossatura capital, mais potentes musculatura céfalo-cervical, maior força céfalo-cervical, mais força no ângulo társico e, por variação correlativa, determina o grande desenvolvimento dos chifres.

Todavia a prática das lutas que teriam condicionado a modificação dos ossos da cabeça e o deplorável desenvolvimento da cornamenta, que se dirige nos touros para a frente e para cima, por forma a constituir maior ameaça para o rival, por feliz circunstância determinou também a selecção dos touros que possuíam mais fortes membros, dotados de bons curvilhões, de garupa horizontal e larga, provida de boas massas musculares e bem ligada ao terço dianteiro, através de uma região lombar larga e bem musculada. Quem tenha observado estas «chegas» no Barroso deve reconhecer que sem estes

requisitos somáticos não seria possível desenvolver o prélio a que se assiste até que, por vezes não ferido, mas convencido da sua menor potencialidade perante o adversário, um dos rivais se acobarda e foge. E touro que foge é vexatório no Barroso ser utilizado na padreação.

De duas centenas de milhar à dois séculos atrás, passando a uma centena de milhar no início do século e a sete escassos milhares na actualidade, já Silvestre Bernardo Lima em 1873 referia o recuo no seu solar onde o Barrosão foi sendo substituído por exemplares Mirandeses (localmente, denominados «galegos», em oposição aos Barrosãos, designados por «portugueses»). Os factores deste recuo foram a expansão da cultura de batata de semente e consequente exigência de trabalho animal para arroteamento de terrenos incultos, a melhor condição dinamófora da raça Mirandesa e a sua melhor e maior precocidade e estatura. Concomitantemente com a Mirandesa foi-se infiltrando no Barroso uma outra raça, menos corpulenta, a Maronesa, proveniente dos concelhos vizinhos. No Minho a sua substituição foi feita pelas raças leiteiras Galega e Turina.

Esta raça expandiu-se de tal forma desalojando uma outra raça de função tripla, a Galega / Minhota do seu solar, mais tarde viria a acontecer o inverso.

O Barrosão também é conhecido nos concelhos de Melgaço, Monção e Arcos de Valdevez pela designação de *Piscos* pelo facto de serem animais muito sóbrios em comparação com as outras raças que consigo coabitavam. Designavam-se também por *Portugueses* na região de Trás-os-Montes para se distinguir de outras raças oriundas da vizinha Galiza.

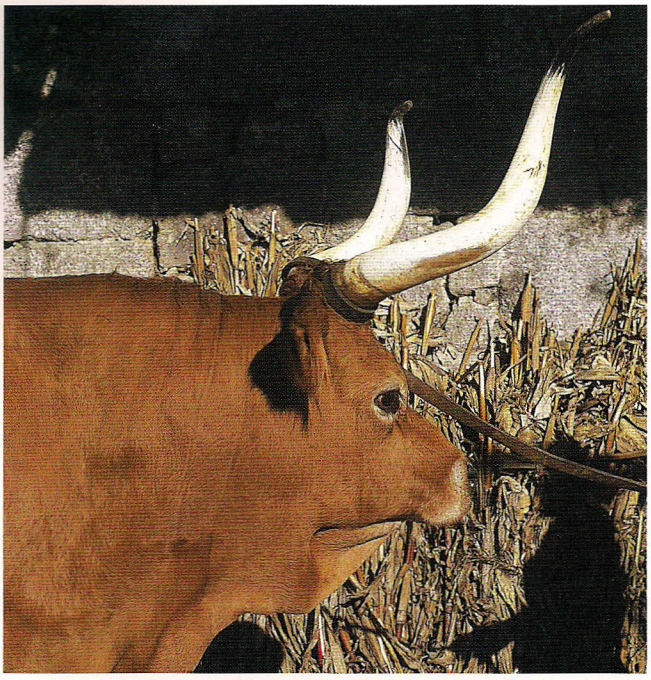
As feiras mais importantes que se realizavam na antiguidade são aquelas que estiveram na sua rota de expansão e também na maneira *sui generis* como eram exploradas. Assim, os animais nasciam no Barroso, eram vendidos em vitelos para concelhos limítrofes para aí serem recriados e fazerem os trabalhos agrícolas e só mais tarde, já na idade adulta, eram vendidos para outros concelhos nomeadamente Maia, Santo Tirso, Porto, Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Barcelos, para aí serem engordados, ou cevados, sendo depois os famosos «bois do barco» vendidos directamente, sem intermediários, para serem exportados para Inglaterra. A famosa e inigualável carne que produziam era assim repasto da mesa de nobres, marinha inglesa e casas mais abastadas de Inglaterra.

As feiras destas rotas eram a feira de Rossas, no concelho de Vieira do Minho, cujos animais seguiam para os concelhos de Fafe, Celorico de Basto, Guimarães, Santo Tirso, Felgueiras, etc. e a feira de Pico de Regalados, no concelho de Vila Verde, onde os animais eram vendidos para os concelhos de Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Monção, Melgaço, Paredes de Coura e Ponte de Lima.

Os primeiros passos para o melhoramento da raça bovina Barrosã foram dados em 1914, tendo como base legal o Decreto n.º 925 de 2 de Outubro, que aprovou a organização do Posto Zootécnico do Gerês. Em 1980 num esforço conjunto da DGSV e da DRAEDM é nomeada uma comissão de técnicos para se dar início ao RZ da raça. Em 1981 aparece no catálogo *Bovinos em Portugal*, editado pelo primeiro organismo citado anteriormente.

Descrição

O bovino Barrosão, segundo o método de *Sanson*, trata-se de uma raça braquicéfala, enquanto que o método de *Baron* define-a como uma raça eumétrica, de perfil côncavo e brevilínea; nas aptidões dominantes ou fundamento fisiológico, reconhece-se à raça



aptidão para dupla função: creatopoiética e dinamófora. Foi também explorada pelo alto valor butiroso na função leite fazendo-se em algumas regiões as tradicionais «bicas» de manteiga. Hoje é explorada unicamente nas funções trabalho e carne.

Raça de animais muito dóceis, com grande desenvolvimento do terço anterior, o que lhe dava aptidões óptimas para o trabalho, sendo muito fácil de ensinar a trabalhar. O dimorfismo sexual é acentuado, destacando-se nos machos o terço anterior mais escuro e nos neutros, ou castrados, a portentosa armação córnea que chega a atingir mais de dois metros de envergadura.

Cabeça: curta e larga, encimada por forte cornamenta em lira. Fronte quadrada, deprimida ao centro, com pronunciada saliência da região orbitária. Chanfro direito, arredondado e pouco saliente, boca larga, de lábio superior desenvolvido, focinho negro, largo, um pouco grosso, tendendo para o arrebitado. A orla é mais clara sem atingir o branco. Conjunto ocular saliente. Abertura palpebral e pestanas escuras, por via de regra.

Orelhas de tamanho médio, orladas de pêlos quase sempre escuros e providos interiormente de outros compridos. Chifres muito desenvolvidos em comprimento e em espessura, de cor branco-sujo, com pontas escuras. Secção aproximadamente elíptica.

Pescoço: curto, bem ligado à cabeça e à espádua. Barbela muito desenvolvida, pendente sob a garganta, decota-se na origem do pescoço para depois caír largamente no peito, aproximando-se dos joelhos.

Tronco: cernelha larga e pouco saliente com o costado bem arqueado e peito largo e descido. A região dorso-lombar é medianamente comprida; larga e horizontal; bem liga-

da à garupa, com ventre pouco volumoso. A garupa é horizontal, larga e comprida, por vezes mais larga do que comprida, com boa largura isquiática. As nádegas são largas, descidas, sub-convexas, com coxas regularmente largas e musculadas, tendo a cauda inserção média, terminada por regular borla de pêlos, em regra escuros.

Sistema mamário: úbere de tamanho médio, bem proporcionado e com boa implantação, estando revestido de pêlos mais claros espessos e compridos.

Extremidades e aprumos: membros de extremidades livres pouco desenvolvidas, bem aprumados, pouco ossudos, terminando por unhas escuras, rijas, pequenas e arredondadas.

Pele, pêlo e mucosas: pele bastante grossa mas macia, formando rugas, principalmente no pescoço. Nos animais adultos, são também aparentes rugas na região suprapalpebral. Pêlos muito curtos e finos, observando-se pêlos mais desenvolvidos no pavilhão auricular e na borla da cauda que é escura. As mucosas das aberturas naturais são escuras.

Cor: pelagem castanho-claro tendendo para o cor de palha ou para o acerejado, sendo esta tonalidade mais frequente no Minho. A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras, nunca atingindo o branco.

Por vezes surgem manchas mais escuras na zona infra ou supra orbitária, em indivíduos mais fuscos. Geralmente observam-se pêlos escuros no debrum das orelhas, na cutidura e na borla da cauda.

As manchas da região facial vão-se tornando, por vezes, mais extensas e carregadas à medida que vai avançando o estado de gestação das vacas. Os vitelos nascem já com a cor que irão ter em adultos se forem fêmeas, pois se forem machos tomam geralmente uma tonalidade mais escura no terço anterior. Os neutros ou castrados apresentam a pelagem mais clara, sem o afuscamento por vezes existentes nas vacas e que é regra nos touros.

Formato: são animais muito harmoniosos e belos, com temperamento muito dócil, de olhar triste captando a simpatia de quem neles repara.

Medidas biométricas	*Fêmeas*	*Machos*
Altura ao garrote	121,39 cm.	134,22 cm.
Altura a meio dorso	118,96	132,78
Altura no início da garupa	124,22	136,04
Altura do peito	65,57	80,38
Comprimento escápulo-isquial	146,70	166,46
Comprimento da garupa	46,35	55,53
Comprimento do períneo	38,87	44,76
Largura do peito	37,04	53,02
Largura bi-ilíaca	49,04	54,27
Largura bi-isquiática	26,61	31,03
Perímetro toráxico	178,43	213,74
Perímetro abdominal	188,87	214,81
Perímetro da canela	20,61	24,02
Perímetro espiral	174,67	202,26
Peso vivo	418,10 kg.	701,04 kg.

Área geográfica

Existem duas áreas geográficas bem definidas, quer em acidentes orográficos, quer nas condições edafo-climáticas. Assim, o Minho, de constituição granítica apresenta-se bastante cortado por vales profundos delimitando serras, em que as vertentes geralmente abruptas, dão passagem a extensos planos largos e bem desenvolvidos. O seu conjunto verifica-se que as serras minhotas vão aumentando de altitude do litoral (serra de Agra, 816 m) para o interior (serra da Peneda, 1.373 m; serra Amarela, 1.361 m; serra do Gerês, 1.431 m; serra da Cabreira, 1.256 m) originando o tão característico anfiteatro minhoto. Por seu lado, o Barroso de constituição granítico-xistosa, uma região essencialmente montanhosa e planáltica tem na serra das Alturas (1.279 m), com os seus «cotos» graníticos, e a serra do Larouco (1.525 m), as elevações mais pronunciadas.

Estas duas regiões ligam-se da serra do Larouco para a do Gerês por uma linha de picos de 1.200 a 1.300 m que corre ao longo da fronteira.

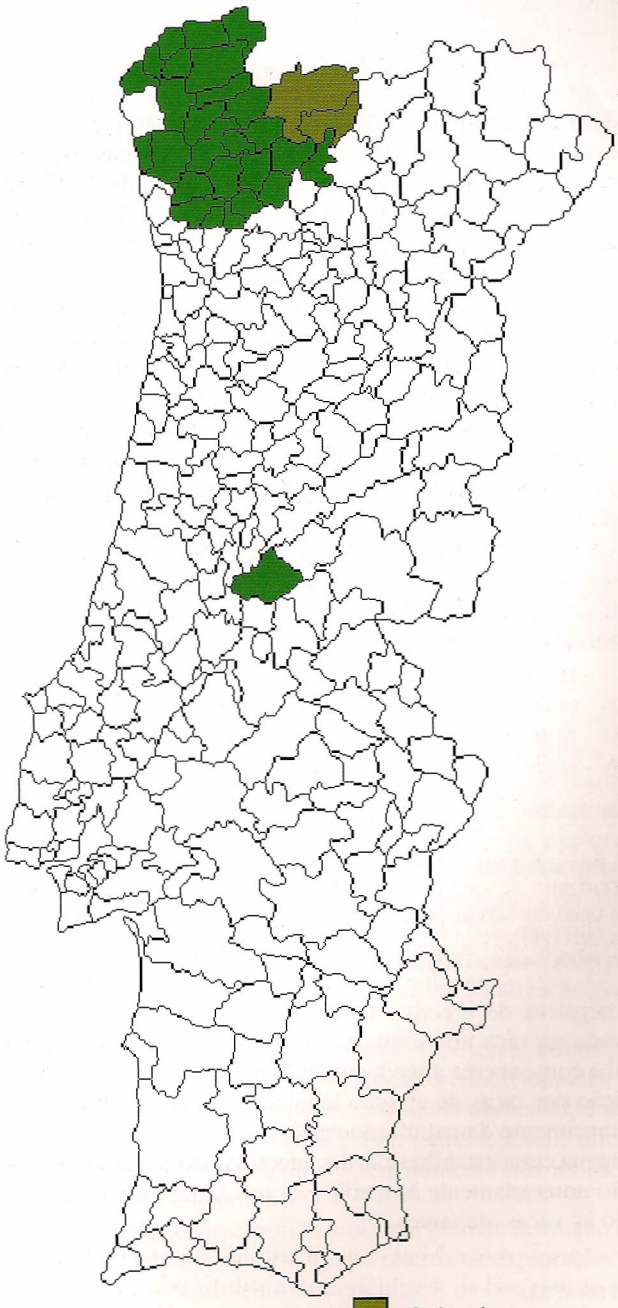
Não podemos deixar de destacar, ao observar o maior desenvolvimento somático da raça no seu solar e também no concelho de Paredes de Coura, a participação positiva que lhe teria dado a composição geológica planáltica dos solos, que em Paredes de Coura apresenta solos derivados de rochas do complexo xisto-grauváquico e o Barroso com granitos porfiróides e rochas metamorfisadas (gnaisses, migmatitos e xistos).

No Minho os solos que derivam dos granitos são geralmente de textura ligeira (francos, franco-arenosos ou areno-argilosos), bastante permeáveis, pouco profundos e facilmente trabalháveis, são deficientes, essencialmente, em fósforo, magnésio, cálcio, e razoavelmente providos de potássio, sais de ferro e alumínio, pelo que se justifica o elevado grau de acidez que apresentam. No Barroso os solos são pouco profundos, de textura ligeira, e escuros, de elevada acidez e ricos em matéria orgânica, devido a grandes incorporações de estrumes de origem animal e vegetal.

A origem da raça perde-se na ancestralidade dos tempos sendo o seu solar, o Barroso, constituído pelos concelhos de Montalegre e Boticas, as freguesias de Campos e Ruivães de Vieira do Minho e a freguesia de Gondiães de Cabeceiras de Basto; expandiu-se de tal forma que descendo o anfiteatro minhoto chega a ocupar os concelhos do litoral norte até ao Porto. Este foi o seu período áureo que coincide com a exportação, pela barra do Douro, de bois adultos e castrados, que depois de engordados, eram vendidos para Inglaterra. Hoje é incluída nas raças em vias de extinção, isto é, com menos de 7.500 animais em produção.

O declínio da raça deveu-se, no seu solar, a vários factores, nomeadamente: a expansão da cultura de batata semente e consequente exigência de trabalho animal; melhor condição dinamófora da raça Mirandesa; maior estatura e precocidade do Mirandês o que faz aparecer os cruzamentos e a consequente heterose ou vigor híbrido. Com a Mirandesa aparece outra raça, a Maronesa, não havendo ainda hoje casa de lavoura tradicional que não tenha uma junta de bois castrados maroneses para fazer os trabalhos agrícolas.

Na região de Entre-Douro e Minho, no distrito do Porto e no litoral, as fêmeas foram substituídas pelas vacas turinas e os bois foram substituídos, também por novilhos turinos, de mais rápido desenvolvimento, prática esta iniciada nos concelhos de Lousada, Paredes e Penafiel e que alastrou até ao litoral. A redução drástica do número de bois de trabalho dá-se com a introdução e vulgarização da mecanização agrícola.



Raça Barrosã

Na área do distrito de Viana do Castelo, a raça é praticamente substituída pela Galega nos vales dos rios Lima e Âncora. No distrito de Braga, o Barrosão foi fortemente preterido por animais da raça Turina nos concelhos do litoral.

Hoje verifica-se um retorno às origens, sendo os limites da raça os concelhos de Montalegre e Boticas, no distrito de Vila Real; os concelhos de Amares, Braga, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Fafe, Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho e Vila Verde, do distrito de Braga; os concelhos de Arcos de Valdevez, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Valença, do distrito de Viana do Castelo; e os concelhos de Felgueiras e Paços de Ferreira, do distrito do Porto. Podem-se, ainda, encontrar alguns exemplares em explorações agrícolas nos concelhos de Ribeira de Pena, do distrito de Vila Real; Santo Tirso, do distrito do Porto; Vila Nova de Famalicão, Barcelos e Esposende, do distrito de Braga; Vila Nova de Cerveira, do distrito de Viana do Castelo; e Sertã, do distrito de Viseu.

O censo verificado entre 1926 e 1959 e 1976 há uma queda drástica no efectivo masculino de 50% agravada de 1976 a 1999 que já não é de 50% mas sim de quase 100%; esta recessão tão grande no efectivo masculino, representado pelos bois castrados, equivale à sua quase total substituição pela mecanização. Os trabalhos agrícolas hoje são feitos por juntas de vacas que melhor rentabilizam as explorações.

	1870 [a]		1926 [b]		1940 [c]	1959 [d]		1976 [d]		1999 [e]	
Distritos	M	F	M	F	Total	M	F	M	F	M	F
Braga	31.121	15.724	33.062	41.699	98.694	29.601	67.376	18.019	49.409	183	2.820
Porto	43.176	99.946	52.245	26.908	35.446	14.450	5.994	865	1.285	2	13
Viana Castelo	17.767	14.199	17.736	38.590	72.289	9.799	43.297	6.194	34.005	80	2.769
Vila Real	10.237	14.632	—	—	17.633	1.220	10.290	570	4.010	168	1.361
Total	102.301	144.501	103.043	107.167	224.062	55.070	126.957	25.648	88.709	433	6.963

Fontes: [a] Silvestre Bernardo Lima (1873);
[b] Amorim (1928);
[c] Direcção Geral dos Serviços Pecuários (1940);
[d] Garcia *et. al.* (1981);
[e] AMIBA (1999) – animais registados no LG.

A variação negativa do efectivo feminino entre 1976 e 1999 é cerca de 92%. A recessão observada na raça nos últimos anos deve-se em primeiro lugar ao êxodo da populações rural e consequente abandono das explorações agrícolas; à mecanização agrícola; à substituição por raças de aptidão leiteira; introdução de novas culturas; à florestação e ao envelhecimento da população rural.

Hoje nota-se uma certa estabilização dos efectivos devido principalmente aos prémios pagos à produção nomeadamente às medidas Agro-Ambientais, indemnizações compensatórias e prémio às vacas aleitantes.

Sistema de exploração

As raças bovinas autóctones são um património animal que por estar ligado à vida dos povos faz portanto parte da sua cultura. Estas raças desempenham um papel de extrema



importância na nossa agricultura, nomeadamente nos agricultores de montanha, pois só assim conseguem trabalhar as suas pequeníssimas leiras, obter estrume para a adubação das suas terras, e valorizar os seus recursos alimentares disponíveis (carqueja, tojo, etc.).

A área de produção da raça caracteriza-se por diferentes zonas produtivas e consequentemente sistemas produtivos. Relativamente à estrutura da exploração verifica-se que as áreas da dimensão da exploração é distinta no Alto Minho e Cávado (explorações de 3 a 5 ha), relativamente ao Barroso, Ave e Basto (explorações com mais de 5 ha). As explorações são bastante parceladas e dispersas, o que não é de estranhar uma vez que se trata de explorações de bovinos de raças autóctones na sua maioria de pequenos produtores em que a extensificação produtiva não se observa e a localização geográfica é outro dos factores limitantes.

Para além do aproveitamento dos pastos próprios, verifica-se em toda a zona de produção uma elevada utilização de baldios, pelos próprios condicionantes do sistema produtivo e da estrutura fundiária da propriedade. O sistema alimentar, caracteriza-se pela utilização de forragens verdes e conservadas (erva, palha e feno), utilizando-se como suplemento o milho (farinha) e concentrados essencialmente nos momentos críticos da fisiologia animal, como o aleitamento.

O perfil do produtor da raça é envelhecido, com um grau de instrução reduzido (maioritariamente a 4ª classe). É um agricultor a tempo inteiro na exploração, em que as fontes de rendimento provêm essencialmente da agricultura, os bovinos de raças autóctones e as suas receitas importam em cerca de 75% do valor total de receitas da exploração. Ainda como fonte de rendimento a valorização do trabalho e estrume é um factor importante a considerar. A forma de exploração predominante é a conta própria.

O efectivo pecuário dominante caracteriza-se por um encabeçamento nas zonas de produção do Minho de 2 a 3 cabeças adultas, e no Barroso de 6, 5 cabeças adultas. A idade ao desmame situa-se normalmente entre os 4 e os 6 meses, sendo comum em toda a região de produção a idade ao desmame aproximar-se dos 6 meses de idade, quer seja para recria quer seja para abate, isto justifica-se pelas regras do caderno de especificações da «Carne Barrosã» impostas pela entidade responsável pela comercialização do produto. Diversos autores apontam idades próximas dos 5-6 meses de idade.

O sistema de cobrição mais utilizado é ainda o da cobrição natural, com touro da própria raça normalmente não pertencente ao produtor, o que se explica dado se tratar de zonas de baixo encabeçamento (Minho), tal facto contrasta com a zona do Barroso na qual já se verifica um grande número de produtores que possuem touro próprio (efectivos de maior dimensão). A Inseminação Artificial sendo uma prática recente e pouco corrente na raça, tem vindo a aumentar o que trará benefícios para o agricultor ressalvando aspectos como a biodiversidade e a consanguinidade.

A primeira cobrição é entre os 15 e os 18 meses de idade embora ainda haja um número significativo de produtores que de uma forma algo precoce inicia o ciclo reprodutivo (menos de 15 meses) das suas fêmeas, o primeiro parto situa-se entre os 24 e os 36 meses. A idade ao primeiro parto encontra-se entre os 30 e os 33 meses de idade. A duração média do intervalo entre partos é de 12 a 15 meses, valores normais para o objectivo principal da exploração da raça, a produção de carne e também aceitáveis atendendo às condições desfavoráveis do meio típico desta raça. Não se verifica uma época bem definida de partos ao longo do ano, há uma distribuição de partos ao longo do ano.

Na zona de produção da raça poderemos definir duas situações tipo:

- Minho: pequenos produtores, com áreas diminutas (3 a 5 ha) e dispersas; idade avançada e pouca instrução; cerca de 2 a 3 cabeças; recurso à cobrição natural; pouca mecanização e estabuladas em cortes na sua maioria.
- Barroso: produtor de maior dimensão, com maior área (mais de 5 ha) mas igualmente dispersa; presença de jovens agricultores com mecanização e explorações pecuárias próprias; efectivos de maior dimensão, cerca de 6, 5 cabeças, recurso à cobrição natural com touro próprio.

A sua grande variabilidade genética é fruto deste tipo de exploração de minifúndio em que o posto de cobrição natural é uma referência para esta raça. Está a fazer-se um esforço para aumentar o número de touros dadores de sémen para que não exista nunca consanguinidade.

Características produtivas

É uma raça conhecida pela sua dupla função trabalho e carne, mas é nesta última que ela tem o seu futuro. Assim, a «Carne Barrosã», tem DOP por Despacho 18/94 de 31 de Janeiro (D. R. II Série). São incluídas nesta as carcaças, ou as peças embaladas e refrigeradas, obtidas a partir de animais da raça Barrosã inscritos no RZ ou no LG nas seguintes condições:

Vitela: carcaças de animais abatidos entre os 5 e os 9 meses de idade com o peso compreendido entre os 70 kg e os 130 kg;

Novilho: carcaças de animais abatidos entre os 9 e os 36 meses de idade com um peso mínimo de 130 kg;

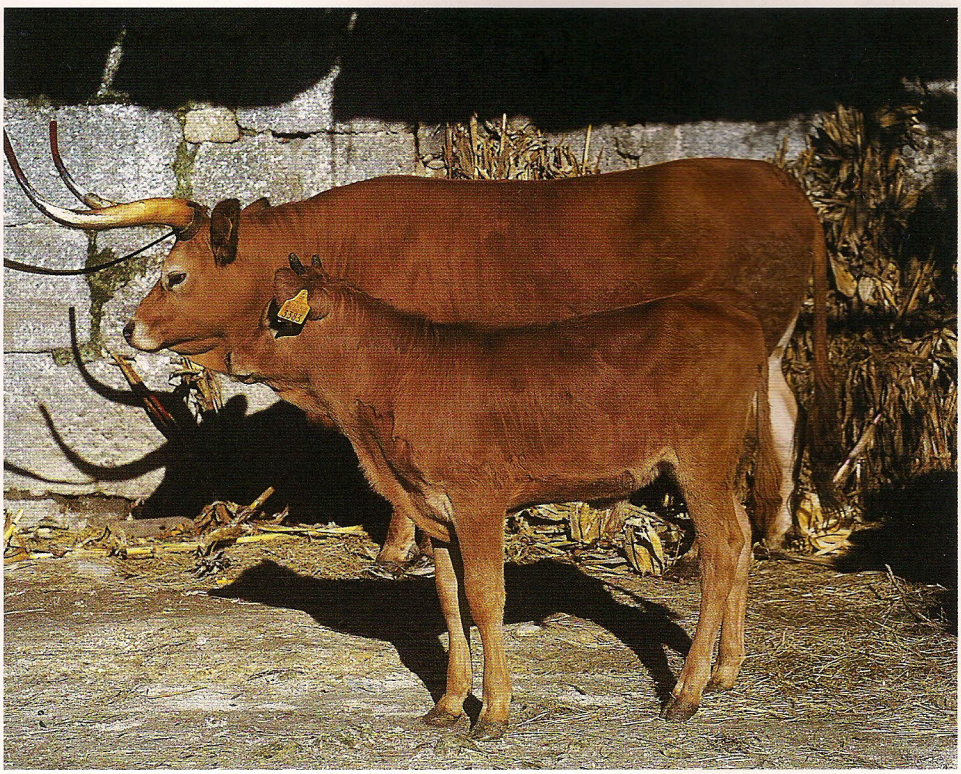
Vaca: carcaças de animais abatidos entre os 3 e os 4 anos com o peso mínimo de 130 kg.

O Agrupamento de Produtores inicia os abates com DOP para vitelos em finais de 1996, que tem tido um enorme êxito comercial. A adesão em massa dos produtores deveu-se ao elevado preço pago aos criadores e à ausência de intermediários.

O efectivo Barrosão caracteriza-se pela ocorrência de reduzida fertilidade média e, consequentemente, alargamento do intervalo entre partos; não se verifica sazonabilidade de partos. A taxa de fertilidade verificam-se, ainda, alguns problemas sanitários, no entanto é normal as vacas fazerem um parto/ano, sendo, ainda de referir que muitos destes animais são explorados em reprodução até à idades que ultrapassam os vinte anos, aumentando assim o intervalo entre partos.

O peso médio ao nascimento é de 26, 58 kg, tendo esta raça uma grande facilidade de parto, sendo raríssimo a ocorrência de partos distócicos. A idade normal de abate é entre os seis e os oitos meses, pesando em média 184 kg de peso vivo para os machos e 169 kg para as fêmeas, com pesos de carcaça que rondam os 94 kg e os 85 kg para as fêmeas, sendo este dados obtidos aos 207 dias para os machos e aos 211 dias para as fêmeas. Os rendimentos de carcaça, melhores nos machos, são baixos porque os animais são abatidos muito jovens.

Os touros entram em reprodução aos dezoito meses de idade, no entanto nos touros testados é feita a colheita de sémen a partir dos dezasseis meses de idade. Estes touros normalmente seguem para os postos de cobrição natural que ultrapassam nesta raça o



número de 400 o que justifica também o epíteto de raça com maior variabilidade genética da Península.

Desenvolvimento e melhoramento

O primeiro diploma oficial que foi promulgado no sentido especial do melhoramento da raça bovina barrosã, foi o Decreto n.º 925, de 2 de Outubro de 1914 que aprovou a organização do Posto Zootécnico do Gerês, que nunca chegou a funcionar. Em 13 de Dezembro de 1916, pelo Decreto n.º 28/92, este Posto foi substituído por outro instalado em Montalegre, designado por Posto Zootécnico do Barroso, mas passados 20 anos foi extinto abruptamente e as suas instalações ocupadas pelos serviços fitopatológicos de apoio à cultura de batata de semente que, entretanto, vinha tomando forte expansão local e ocupando grande parte dos belíssimos lameiros naturais do planalto.

O Posto Zootécnico de Viana do Castelo é criado pelo Decreto n.º 16.678, de 1 de Abril de 1929; mais tarde a Estação de Fomento Pecuário de Entre Douro e Minho, em Barcelinhos, na década de setenta, passa a dar apoio directo à raça através da recria de vitelos adquiridos nas melhores zonas de criação, tanto no Barroso como no Minho. A última estação de melhoramento criada pela DRAEDM em 1995, situada na Quinta do Pinhó, em S. Torcato no concelho de Guimarães, Estação Regional de Produção Animal, tem em vista, não só a testagem de reprodutores, mas também a colheita de sémen e de embriões.



Em meados de 1981 a DRAEDM em colaboração com a DGP põe a funcionar o RZ, tendo sede em Lamaçães, concelho de Braga, ocupando geograficamente o centro da área de dispersão desta raça. Mais tarde, em Março de 1993, é reconhecida a capacidade legal da AMIBA, sendo estabelecido um protocolo de transferência para esta associação do referido RZ/LG.

A AMIBA, tem a sua sede em Nogueira, Braga, tendo actualmente 2.087 associados e como finalidade a preservação e o melhoramento da raça, identificando ao nascimento todos os vitelos filhos de pais inscritos, controlando os postos de cobrição natural e a inseminação artificial. É responsável, também, pela testagem e recria de reprodutores machos que depois de avaliados em testes de progeny e performance, são escolhidos os melhores para colheita de sémen, seguindo mais tarde para os postos de cobrição natural, e os outros são vendidos para os criadores que o solicitarem. Tem uma publicação semestral em colaboração com o Agrupamento de Produtores, onde são tratados os temas que se referem à evolução e futuro da raça e ainda dando apoio a publicidade dos criadores para venda e aquisição de animais.

Em 1991 inicia-se a Inseminação Artificial tendo sido colhido sémen na Estação Nacional de Selecção e Reprodução Animal da Venda Nova, mais tarde, em 1993, a AMIBA contrata os serviços da Estação de Apoio à Bovinicultura Leiteira (Estação de Verde Milho) procedendo à colheita de sémen nas explorações. Em 1995 foi feita a colheita de sémen na Estação Nacional de Selecção e Reprodução Animal da Venda Nova e em 1998, os técnicos desta estação vêm fazer a colheita nas instalações da Estação Regional de Produção Animal da DRAEDM (S. Torcato - Guimarães).

A primeira acção de apoio para travar a contínua regressão do efectivo dá-se em 1976 através de um despacho do Ministro da Agricultura que institui o prémio de 2.000$00 por cada filho ou filha de raça bovina nascidos de pais inscritos em LG, sendo nessa altura os Livros Genealógicos geridos pelo Estado.

Em 1979 é criado o prémio de recria de novilhas, no montante de 3.000$00 a atribuir a cada fêmea inscrita no LG (LN) e que seja recriada a partir dos 6/10 meses e se encontre prenhe de touro inscrito no LG (LA) até à idade de 30 meses. Em 5 de Julho de 1985 este prémio de recria é alterado para 10.000$00.

Em 19 de Fevereiro de 1992 é criado o programa de melhoramento designado por NOVAGRI pela portaria n.º 106/92 no Diário da República – I série-B, que altera o montante dos prémios, passando a receber 10.000$00 os vitelos que forem inscritos no RZ (livro de nascimentos) e nessa altura há também um incentivo dado aos postos de cobrição natural que recebem 1.000$00 por cada vitelo inscrito no livro de nascimentos filhos de pais registados. O prémio à recria de novilhas é alterado de 10.000$00 para 20.000$00. É a partir desta data que há um apoio directo às associações de criadores.

Actualmente a raça está classificada como em vias de extinção e recebe as ajudas previstas no regulamento (CEE) n.º 2078/92 (Medida Agro-Ambientais - Medida 18).

As feiras mais importantes são as que se realizam na AGRO-Braga e a Feira Nacional de Agricultura de Santarém, que se realizam, a primeira em finais de Abril e a segunda em finais de Junho.

Em 1994 é criado o Agrupamento de Produtores «Carne Barrosã - DOP» e publicado em Diário da República a portaria que permite a utilização da Denominação pela Cooperativa Agrícola de Boticas – CAPOLIB; hoje há 1.720 associados no Agrupamento, e o seu objectivo principal é garantir o escoamento da produção, assegurando a entrega do produto e a eliminação de intermediários que diminuem significativamente o rendimento dos produtores.